

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO
GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento se-
manal, Lisboa, mês 9850; Província, 3 me-
ses 28850; África Portuguesa, 6 me-
ses 70800; Estrangeiro, 6 meses 110300.

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

SÁBADO, 15 DE MAIO DE 1925

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2285

PROBLEMAS SINDICais

As nossas atenções devem convergir no actual momento para o estado decadente em que se encontra a organização sindical do Algarve

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

FARO, 13.—O Algarve foi uma das províncias de Portugal que possuiu uma organização sindical mais homogeneamente aguerrida. A história do movimento operário está repleta de episódios curiosos da luta revolucionária de que o Algarve foi proscrito.

Hoje o Algarve não possui organização sindical. Tudo que de valioso aquela província continha desapareceu. De Vila Real de Santo António a Lagos existem eretos pouco mais de dez sindicatos, que atraíam uma vida vegetativa.

No Algarve pode asseverar-se que não há movimento operário. E porque se regista esse fenômeno? Porque a crise de trabalho e a miséria que grava por toda a província provocou a emigração da quase totalidade dos militantes operários. E os que ficaram são impotentes para manter a organização.

Faro, ainda assim, é uma das localidades onde existe alguma organização sindicalista. E porque não desapareceu ela totalmente na capital do Algarve?

Porque se deslocou para esta cidade um militante operário de Lisboa que à organização local tem dado o melhor do seu esclarecido espírito. Esse militante é o camarada João Humberto Matias, rapaz experimentado nas lutas operárias e possuidor de um espírito de continuidade pouco vulgar em alguns combatentes...

Com João Matias falamos de espaço sobre os problemas que interessam ao operariado da província. Sobre cada um deles o nosso colocutor desderrubou profisamente. Por serem interessantíssimas algumas das suas declarações vamos reproduzir aquelas que se casam perfeitamente com a função destes artigos.

—No Algarve, principia o nosso entrevistado, a organização sindical é pouco mais de um simulacro. Em Faro ainda estão organizadas as classes da construção civil, mobiliários, corticeiros, manufactores de calçado, marítimos, ferroviários e jovens sindicalistas. Em nenhuma outra localidade do Algarve há igual número de organismos.

—E todos os sindicatos de Faro desenvolvem grande actividade?

—A vida dos organismos de classe é doentia. Em Faro, se eu não amparar a existência dos organismos operários, eles morrem imediatamente porque não têm elementos que os possam manter.

—Como consegues realizar esse milagre?

—Todas as horas do dia dedicam-se à organização. Mesmo assim não chego para as encordadas. Há muito trabalho que eu não posso fazer porque não me chega o tempo.

—Mas qual é a solução para o problema?

—Em minha opinião a C. G. T. deveria estudar a forma de deslocar para o Algarve alguns militantes que, em conjunto, poderiam realizar uma grande obra: organizar essas dezenas de milhares de trabalhadores por toda a província.

E com grande convicção:

—As condições em que se fariam essas deslocações seriam objecto de um largo estudo que não cabe no esboço que acabo de traçar.

Sendo a crise de trabalho um dos fenômenos a que se atribui a falta de organização, quisemos ouvir a opinião do nosso interlocutor sobre o caso.

—A crise de trabalho, prossegue João Matias, não deve atribuir-se o enfraquecimento da organização. A crise de trabalho de certo modo contribui para esse facto. Mas não é ela a principal culpada de no Algarve só existem poucos mais de uma dúzia de sindicatos. A culpa é da falta de militantes.

E agrega:

—Repito: Se a C. G. T. pensar a sério no problema a que acabo de me referir o Algarve poderá ainda fazer reviver aqueles tempos que tanto preocuparam a burguesia.

A concluir:

—Se der o invés, viviremos ainda por muito tempo esta situação que se agravará quando a fadiga me vencer...

As declarações do inteligente militante são bem para meditar. O Algarve, que possui cidades e vilas bastante industriais, não pode ficar à mercê do acaso ou do esforço de um homem como sucede em Faro.

Se não se compreender assim o pouco que hoje existe reduzir-se há à expressão mais simples e com isso só lucrarão a burguesia e mais inimigos do operariado.

O golpe de Estado militarista na Polónia

Os insubordinados ocupam a capital

VARSOVIA, 14.—Confirma-se oficialmente que o marechal Piłsudski ocupa a cidade. O governo, com o sr. Wittos à frente, permanece no palácio Belvedere. O marechal Piłsudski e o presidente da República conferenciaram. A cidade encontra-se calma; os transportes e as instituições públicas funcionam normalmente. —H.

Uma reviravolta?

BERLIM, 13.—Corre que as tropas nacionais polacas marcham sobre Varsóvia para restabelecerem o governo Wittos e combater as tropas do marechal Piłsudski.

No fim... todos se reconciliam

BERLIM, 14.—Segundo notícias recebidas de Sikorski, marcham sobre a capital que se encontra cercada por outras tropas governamentais.

O moral dos revoltosos está fortemente abalado com a resistência do governo, que conta dominar o movimento revolucionário em muito pouco tempo, visto a província condonar unanimemente a revolução.

A greve estende-se a todo o pessoal

LONDRES, 14.—Os comitês executivos da Federação Nacional dos ferroviários, do sindicato dos maquinistas e da associação dos empregados dos escritórios dos caminhos de ferro resolveram ordenar a todo o pessoal ferroviário a continuação da greve, até que obtenham uma satisfação quanto à reintegração dos grevistas e licenciando os operários não sindicados. —(L.)

A caminho da terra sagrada de Fátima!...

Outra vez a viscondessa de Andaluz... — Um médico que prepara milagres — A indignação dum seminarista contra um padre e sua "esposa" ... — O campo de concentração de Torres Novas — A fraternidade dos nossos irmãos em Cristo...

(Do nosso enviado especial).

SANTARÉM, 12.—O comboio que parte do Rossio às 11,20, que é rápido até ao Entroncamento e que é conhecido pela designação pomposa de "rápido de Madrid", em carregagens de primeira, nas melhores é claro, o estado maior do grande exército católico que vai a Fátima. Desta vez um pouco macilenta, sem aquela fisionomia sá e escorreita, sanguínea e brilhante que lhe vimos em Santarém, a senhora viscondessa de Andaluz confessa fisicamente a noite que passou em branco e as quarenta e oito horas arrastadas a receber ordens dos bispos e a dar determinações às raparigas que lhe estão subordinadas — a fim de que a "Virgem" fosse muita gente e de que, a "Virgem" lá aparecida às três crianças, fosse oferetido muito dinheiro.

Acompanham-na algumas senhoras, destas que estão no segredo dos deuses... de solteira, e algumas pupilas, destas que a congregação de Fátima condenou a trabalhar 14 e 16 horas por dia a trâns duma disciplina assfixiante e insolente e duma alimentação tão deficiente que a tuberculose não consente que elas vivam para além dos 30 anos! Esta aristocrata sem sensibilidade e sem inteligência viva, dotada dum grande arçugia, ajoelhando com sua alma estéril e chata de solteirona de sempre — só teve por paixão terrena um homem meio doido, quase maníaco que vive em Santarém. É um admirável instrumento da igreja. Mau grado sua aparência delicada, possue uma grande energia que aplica, de olhos fechados cegamente, em tudo quanto lhe seja ordenado pelo arcebispo de Évora. Sua frieza é monstruosa e é sem hesitação que conduz para o convento e para a morte raparigas por ele fanatizadas; que lança famílias no exílio e no sofrimento. E' bem o símbolo desta religião de velhacos e de maus...

Noutro carruagem de 1.º vai o dr. Augusto Azevedo Mendes, de Torres Novas. Esta personagem é já conhecida dos nossos leitores: trata-se daquele médico da reacçãonária vila de Torres Novas que passa atestados de falsos doentes na sua terra para depois com elas fabricar atestados de falsas curas em Fátima. Leva acompanhamento: senhoras da família, senhoras que em Torres Novas e imediações entram nas casas de gente pobre com ofertas de dinheiro, especulando com a miséria, em trâns de casamentos e baptizados religiosos — cujas despensas elas pagam com um dinheiro que não lhes custou a exigir-nos provas do que afirmamos...

O Entroncamento está pejado de peregrinos — quase todos aldeões, gente simples e rude, embrutecida pelos padres.

O estadio maior que veiu no rápidoo partiu em automóveis para Torres Novas, grande campo de concentração de peregrinos.

Nós tomámos em andamento o comboio em que vêm padre e sua "esposa". Os peregrinos, «os nossos irmãos em Cristo», em nome de fraternidade pregada por Jesus recusaram-se a deixar-nos entrar nas carroças. Que fôssem para os «raízes» que os partam... E fomos. Viajámos à Lamarosa nos estribos dum carruagem de 3.º, correndo o risco de, pelo caminho, riscos caír sob o rodado das carroças e ficarmos crucificados em holocausto à nossa tentativa de ir a Fátima, presenciar de perto, atentamente, os explodentes de fogo. Perdoamo-lhes a boa vontade a partida cruel que nos preparam. Perdoamo-lhes porque não somos cristãos...

No comboio vão também algumas damas bem vestidas, algumas meninas que exibem imortais decotes na rua do Ouro e alguns conspicuos filiados da União dos Interesses Económicos. São todos pessoas de fé que vão em peregrinação a Fátima. Duas horas antes partiu um comboio com algumas carroças reservadas com pere-

ficiências resultantes da greve, tendo sido realizada ontem à noite uma longa conferência, cujos trabalhos foram suspensos à meia noite. —(L.)

Situação complicada

LONDRES, 14.—O regresso ao trabalho dos operários dos serviços de transportes e outros apresentou-se hoje com vários aspectos inevitáveis depois dum paragem geral; várias questões delicadas necessitam ser resolvidas antes que a normalidade de tais serviços possa ser assegurada.

O problema da readmissão dos grevistas torna-se difícil, não só pelo facto de alguns dos voluntários, que asseguraram diversos serviços durante a greve, desejarem continuar no trabalho, como pela relutância dos patrões em readmitir o pessoal que excede as necessidades imediatas dos serviços, temporariamente reduzidos como resultado da greve.

Estes problemas estão sendo tratados pelos patrões dentro do espírito do apelo feito pelo sr. Baldwin na Câmara dos Comuns, para a benevolência, tratando as associações patronais com os representantes dos sindicatos; assim, na zona de Londres recomendarão, amanhã, os serviços completos, tanto de omnibus como de linhas subterrâneas e carros eléctricos, demora motivada em parte pela necessidade de vistoriar linhas e material antes de novos serviços serem estabelecidos.

Maiores dificuldades têm surgido, porém, no regresso ao trabalho nos vários caminhos de ferro através do país, em virtude da readmissão em massa exigida pelos sindicatos, à qual as companhias opõem o argumento de que não necessitam de todo o pessoal, em consequência da greve, e que o mesmo quebrar os seus contratos de serviço e que alguns dos grevistas lhes não merecem confiança, casos estes que declaram examinar individualmente e que novos contratos são necessários para a sua readmissão.

Pelas companhias é formalmente dito que uma redução de salários seja imposta como condição de readmissão. —(L.)

LONDRES, 14.—Os delegados mineiros reuniram-se esta manhã, discutindo o relatório apresentado pelo conselho executivo, que ontem se avistou com o primeiro ministro, bem como o memorandum de Sir Herbert Samuel sobre a solução da crise travessada pela indústria. —(L.)

E adiram-se os trabalhos

LONDRES, 14.—Depois do seu discurso, pronunciado na Câmara dos Comuns, o sr. Baldwin reuniu no seu gabinete de Downing Street todos os membros do conselho executivo da federação dos mineiros.

Depois dum discussão geral sobre a situação actual da crise da indústria do carvão, os trabalhos foram adiados.

O sr. Baldwin reuniu-se hoje com os proprietários das minas, supondo-se que se lhe seguirá uma reunião com os mineiros. —(L.)

O desassossego do operariado

LONDRES, 14.—O sindicato dos impre-
sores está estudando com os patrões as di-

UM INCIDENTE

As empresas jornalísticas marcam posição em face da atitude das empresas teatrais

Os directores e representantes das empresas dos jornais de Lisboa reuniram, ontem pelas 14 horas, na redação do Jornal do Comércio, que para essa reunião fizera convite, a fim de se assentar no procedimento a seguir em face da quebra das relações de há muito existentes entre as empresas teatrais e a imprensa, quebra de relações em que, aliás, não quizeram tomar parte os teatros da Trindade, Gimnásio, Salão Foz e Salão Olímpia, que mantêm com os jornais o que desde sempre se estabeleceu como reciprocidade de serviços.

Foram, finalmente, por unanimidade de votos, tomadas as resoluções seguintes:

1.º. Não se aceitar a anunciação concessão de bilhete para as «premieres», a que se refere a circular da Associação dos Empresários, nem requisitar quaisquer outros bilhetes, quer pelos directores, quer pelos administradores dos jornais, como também nessa circular lhe era oferecido.

2.º. Manter as actuais relações de reciprocidade de serviços com aquelas empresas que declararam já não aceitar o novo regime e com aquelas que, dentro do prazo de 24 horas declararem, para a sede da Comissão dos Jornalistas, na redação do Jornal do Comércio, que o não aceitam também, respeitando o antigo.

3.º. Toda e qualquer referência, tanto a teatros como a peças artísticas e tradutores, das empresas que aceitarem o critério estabelecido na circular da Associação dos Empresários será por elas paga à linha, pelo preço da tabela, em todos os jornais onde essa publicação se pretenda fazer.

4.º. Qualquer modificação que porventura venha a ser possível estabelecer quanto a que ficou resolvido, só poderá ser validada depois de convocada nova reunião de todos os bilhetes.

5.º. Exceptuam-se, quanto ao pagamento da prestações de bilhete, as críticas das «premieres», nos jornais que a alguma dessas «premieres» queiram mandar o respectivo critico, pagando o respectivo bilhete.

Foi nomeada uma comissão composta dos srs. Manuel Guimarães, José Sarmento e Nogueira de Brito para dar execução às deliberações da assembleia, comissão que hoje vai dirigir-se a todas as empresas comunicando aquela deliberação.

ATRAVEZ DA ÁFRICA

Sangue português e ouro africano

A-pesar-da crise actual, não cansa o esforço português — e Angola, possui riquezas e reúne todas condições para o seu ressurgimento

Depois de falar na crise de Angola, de citar algumas causas e factores, parece-me justo fazer justiça ao esforço que, através de mil dificuldades, aqui encontro dispensado por portugueses.

Gracias a esse esforço, que deve ser atribuído muito mais à iniciativa particular do que à atrabilíria e incompetente ação do Estado, é absolutamente possível o ressurgimento e o progresso de Angola.

Mas quero, principalmente, referir-me ao esforço humilde e anônimo de alguns milhares de portugueses que foram os percursoras heroicas das empresas de actualidade e do futuro — esforço que algumas vezes frutificou em magníficas realizações, e que outras vezes tombou no campo das iniciativas frustradas, mas que foi sempre produzido por entre os mais duros sacrifícios.

Se esse esforço, desordenado mas persistente, realizado pelas gerações deste último meio século — uns provando a possibilidade da colonização dos planaltos, outros fixando-se através de matos e sertões, todos eles afrontando contingências e perigos, e depois apregoando e revelando as maravilhosas riquezas do solo africano, as qualidades e manhas do gentio — se não fôr esforço, o trabalho, a obra de Novais, as páginas soberbas de Massangano não passariam de um grande sonho; e quando a pirataria estrangeira com a habitual covardia dos portugueses, derribasse os marcos de Diogo Cão, depois da inféria metropolitana completaria o resto.

Sabemos muito bem, todos os que estamos a par dos processos intensivos e modernos que caracterizam a economia e o fomento colonial, que esta Província de Angola poderia estar muito mais desenvolvida, muito mais trabalhado o seu solo, muito mais aproveitadas as suas famosas riquezas naturais. Mas estas razões não podem apoiar o esforço português realizado por entre o censurável alheamento dum financiamento que não é só de Portugal.

Esquecem-se, alguns desses detractores, que ainda os seus países não tinham existência colonial, e vagueavam nos mares como piratas, ou mendigavam nas conferências internacionais fomentando intriga e roubando territórios com a maior comodidade, já Portugal dizimava a vida dos seus homens e desbaratava o seu magro tesouro, sacrificando até, erradamente, a vida da metrópole ao sonho das terras de além-mar.

Não desenvolveu, devidamente, os seus domínios coloniais!

E' certo. Mas durante esse tempo fez o Brasil — esse enorme Brasil que hoje é dos melhores mercados dos ingleses, italianos, alemães, e outros estrangeiros desmemoriados.

«Mas o passado... o passado» —

sem orientação, muitas vezes convulsa e errática, arrastando-se para as soluções desesperadas, para o campo dos inícius sacrificios. Sim; é verdade.

Mas toda essa desorientação, essa nevrose, esses desesperos—não são males exclusivos de Angola, mas do Ocidente.

O mundo inteiro vive tumultuário, confuso, desorientado.

E Angola, até mesmo nos casos mais agudos, das desorientações individuais, não podia deixar de sofrer os desatinos de ordem política, económica e moral que a guerra desencadeou sobre a pobre humana.

Mas, em face da actividade que em toda a província por toda a parte irrompe e temia em resistir, sente-se que Angola não pode deixar e que vai reviver esplendorosamente depois dos últimos momentos numa crise passageira que todos devem encarar corajosamente, serenamente.

E' ver, como à beira da linha férrea do Caminho de Ferro de Benguela, se erguem as lindas povoações onde pulam e brincam saudáveis crianças portuguesas; como já se esboçam magníficas cidades do futuro, em Lobito, Huambo, Malange e Ambolim; como o Dondo, Catumbela e as ruínas de Muxima e Massangano ganham aquele prestígio, a patina das cidades mortas; como no Baulundo, no Bié e no Moixo se fomentam e organizam povoações animadas pela crença dum melhor orientado ressurgimento agrícola; como em Benguela se luta heróicamente, procurando vencer, opondo tenaz resistência às diversas dificuldades que ameaçam aquele formidável império comercial; como em Mossamedes, a pesar das dificuldades de mão de obra, avulta e prospera a indústria de pesca e conservas de peixe; como no planalto de Huila se lançam as bases para uma grande riqueza pecuária; e como nas margens do Quanza, embora a trágica contingência do paludismo e da tzé-tzé, se intensifica a industrialização dos palmares e algodões.

Há dificuldades tremendas, mas a onda de desânimo ainda não venceu os grandes redutos de trabalho. E quer seja nos cafés da «Cazengo» e «Ambolim»; nas açucareiras do Dondo, Bom Jesus e Casquel; nos palmares do Libolo ou da Quissama; na exploração dos Diamantes; nas pesquisas ao petróleo e carvão; no labutar das pescarias e salineiras; na vida de tantas pequenas e grandes empresas comerciais, agrícolas e industriais, por toda a parte se sente a mesma ânsia criadora de viver, por vezes amarguradamente, mas com olhos postos no futuro.

Ah! os estrangeiros que realizam o seu fomento colonial, auxiliados pelos técnicos do Estado, com todos os requisitos da comodidade e do faro dinheiro, não podem avaliar esta espécie de esforço da gente portuguesa — a maior parte sacrificada e sem esperança de dias em sua vida obter lucros ou compensações.

Ninguém deve ver nas minhas palavras o menor elogio a imperios capitalistas, ou transparência com sistemas de domínio que se impõem pela força e pelo terror. Cada vez estou menos resolvido a deixar-me atrelar ao carro doido dos ídolos ou heróis, e a tomar a serio os miseráveis que dão vivas à Pátria... enquanto vão parando em torno dos cofres públicos. Há muito que renunciaria a parte burguesa, e não tenho cotas em sociedades negreiras.

Simplesmente analiso a vida colonial dos nossos dias, com a convicção de que seja qual a sociedade futura, ela será muito mais feliz quanto mais trabalhada encontrar a terra. E não representa uma abatidão sentimental, ou exagerado otimismo respeitar o trabalho dos outros, reclamar a respectiva e necessária assistência aos valores selecionados e prestar, enfim, justiça ao esforço realizado a custa de muito suor e que já hoje vale muitíssimo ouro. Angola-1926.

Julião QUINTINHO

Cautela de penhores

Encontra-se na nossa redacção uma cauta de penhores, achada na rua, que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

PERCIRA — Altaia
R. da Prata, 266, 1.^º
FATOS RECLAME a 295\$00

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4356

COMPANHIA SATANELA - AMARANTE

Todas as noites o célebre

Pão de Ló
com o FADO DO SOLDADO

Coliseu dos Recreios

A's 9 e meia

Torneio Internacional de Luta
Match desferra em luta livre:

MANUEL GRILLO

contra

PIETROWITSCH

Combate até resultado definitivo:

KORNATZ contra **ZBYSHKO**

Outro assalto do programa:

YAGO contra **DEBIE**

Grandes atracções artísticas

TIVOLI
Telef. IL 5474
A's 9 horas

PENÚLTIMA EXIBIÇÃO

Mais veloz que a morte
Super-produção em oito partes
com HARRY PIEL

FAZE BEM...
Cine-comédia em cinco partes com
DOUGLAS MACLEAN

Uma ciné farça
Uma revista cinematográfica

A'MANHÃ — Matinée às 3 horas

Notas & Comentários

Mantendo a ordem...

Ontem de tarde, um indivíduo cujo nome não podemos averiguar, foi queixar-se ao comissário de polícia tenente sr. Lopes Soares de que o guarda n.º 1280, da esquadra do Governo Civil, lhe deve há muito tempo uma quantia importante negando-se constantemente a pagá-la. O 1280, sabendo da queixa, foi postar-se à porta do gabinete do tenente Lopes Soares e quando o seu criador lhe saiu desembainhou o terçado e começou a agredilo tão brutalmente que por certo o mataria se aos gritos de socorro soltados pelo agredido, não acusasse esse oficial e policiais, que desarmaram o energumeno.

Como se vê, a polícia continua a afirmar-se uma corporação ordeira...

O 14 de Maio

Passou ontem o aniversário da revolução de 14 de Maio. Fizeram-se, por isso, comemorações nos cemitérios. Ao da Ajuda foram algumas famílias das vítimas que ali jazem. Os políticos que beneficiaram dessa revolução é que não se lembraram das vítimas. Todos entregues à faixa da mastigação não lhes sobra o tempo para pensar em vítimas. Ontem à ultima hora limitaram-se a alguma enviar os seus cartões (sete do total), acompanhados de raminhos de flores.

A Semana da Criança

Alastrou por todo o país com entusiasmo a ideia da celebração da Semana da Criança que tem o seu início amanhã, com interessantes festas em Carnaxide e em Lisboa, no Club Recreativo Lusitano e no Sindicato da Construção Civil. O sr. ministro de Instrução, acecendo ao convite que lhe foi dirigido pela comissão de Lisboa, inaugurou a exposição de jogos educativos, tendo já cedido o Teatro Nacional para esse efeito.

O Núcleo Sindicato do Bem promoveu duas interessantíssimas conferências, sendo conferente da primeira o professor dr. Reis Santos e da segunda o professor sr. Mauro Pena, que dissiparam largamente sobre a situação da criança portuguesa e preconizaram os meios a pôr em prática para a educar e defender, reconhecendo na Semana da Criança uma magnífica oportunidade para agitar o problema máximo da educação da criança. Na vila da Moita as festas que amanhã se iniciam vão revestir desusado brilhantismo, tendo partido para o Porto um operador cinematográfico para filmar os aspectos das brilhantes comemorações que ali se realizam.

O sr. ministro do Comércio autorizou já as facilidades solicitadas para os delegados da província que queiram vir tomar parte na sessão que a Liga de Ação Educativa realiza na Sociedade de Geografia, no domingo 23, para a definitiva constituição dum organismo defensor dos direitos da criança, devendo ser requisitados para a Biblioteca Nacional os bilhetes respectivos que ali se realizam.

O roteiro sindicato João Pedro Gonçalves dirigiu-nos uma longa carta acerca do procedimento do presidente da Associação dos Fragateiros. Nessa carta, em resumo, o sinatário repete as acusações já feitas, acusando-o ainda de ter arrebatado indivíduos para conseguir maioria. O tal presidente, Dias Tavares, gastou sem conta muitas quantias de dinheiro, a todos os vários expedientes para disfarçar da solidariedade da classe.

O Tavares iludiu uma vez, em 1917 ou 1918, abusando da sua qualidade de delegado da F. M., a tripulação de um barco de pesca do bacalhau, declarando terminada uma greve que ainda não estava solucionada, isto para ser útil a um parente que era capitalista.

Outra nota apontada pelo sinatário da carta: numa reunião que se efectuava no dia 4 do corrente, o Tavares mando apelar pela polícia um operário que não era de sua feição, andando depois a puxar de uma pistola para dirigir ameaças a todos. Mais: o Tavares costuma agridir os insulzinhos que precisam da solidariedade da associação.

O que devia ser a semana da criança

Subordinada ao tema «O que devia ser a semana da criança» e sendo conferente a distinta professora sr. D. Judite Vieira, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na sede da Universidade Popular Portuguesa, a terceira conferência da série promovida pelo Núcleo de Educação e Beneficência Sindicato do Bem.

Em Tires e São Domingos de Rana

Iniciam-se hoje, no lugar de Tires, freguesia de São Domingos de Rana, as festas da Semana da Criança, com o seguinte programa:

Hoje, às 21 horas: Récita infantil no lugar de Tires e sede da freguesia de São Domingos de Rana, levando à cena a farça em 1 acto «Vale quem tem». Diálogos e monologos infantis. Estudioso e mandrião, A. Cantante e A. Alvaro; As 3 garotas, M. Duarte, R. Santos e J. Conceição; O senhor 7, L. Gomes dos Santos; A. Nôr, A. Sabido e E. da Conceição; O Menino e a Arvore, F. R. Almeida e F. R. Martins; Arpendimento, L. Sabido; A morte da Mimi, A. Cantante; A's escondidas, M. Duarte e J. Borges; O bêbê, F. R. Martins; Conversa infantil, A. Costa e A. Sabido; O bicho carpinteiro, F. R. Almeida; Muiúmido, S. Rosário e M. Alexandrina; Sua excelência, E. da Assunção; Epigrâma, L. Teodoro; Muiúdo das Cautelas, I. G. dos Santos; Viuvinha, J. Sabido; Menina de 15 anos, A. R. de Almeida; Com isono, D. Maria e M. Izabel; Pão de I. A. Cantante e C. Conceição; Conversa Alegre, A. Duarte, L. Teodoro; M. Borges e Fernando; O meu pião, A. Alvaro; Boné Rico e Boné Pobre, A. da Silva e J. da Silva. Far-se-há ouvir o orfeão infantil e abrilarhantará a récita o Grupo Musical Solidariedade Operária de Tires. No decorrer da semana haverá passeios escolares e diversos jogos infantis.

Dia 23, às 11 horas: Encontro de confraternização das crianças das escolas de Tires e da sede da freguesia de São Domingos de Rana, com exposição de trabalhos escolares. Às 43 horas: Jantar de confraternização às crianças, no largo da fonte em Tires. Às 16 horas: Sessão solene.

Por especial deferência a confraternização das crianças será abrilarhantada pela Troupa União Caparidense.

Na Escola Primária n.º 25, a Campolide, também se realizam festes comemorativas da Semana da Criança. Desde o dia 17 até ao dia 20, haverá exposição dos trabalhos dos alunos, realizando nesses dias os professores palestras educativas. No dia 19 realizar-se-á uma conferência sobre assuntos higiênicos e haverá recitações de poesias pelos alunos. Também haverá refeição melhorada fornecida pela Cantina do Bem que fornece alimentação diária a 125 crianças. Na quinta feira haverá uma sessão animatográfica, às 15 horas, oferecida gentilmente pelo proprietário do Cine-Campolide. No dia 22, passelo aos alunos, acompanhados pelos respetivos professores.

As festas no Sindicato da Construção Civil

As festas que a comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa promove em homenagem às crianças que freqüentam as suas aulas, devem reverter-se de imponência invulgar, tendo a elas aderido elementos de inconfundível valor.

O programa vasto e atraente está sendo distribuído e pela forma como está confeccionado tem merecido os mais rasgados elogios. Em virtude do entusiasmo que têm despertado estas festas entre os componentes da Construção Civil, a comissão escolar resolveu limitar os bilhetes de convite para que todos possam estar completamente à vontade. A entrada é completamente gratuita, bastando requisitar bilhete de admissão à comissão escolar.

Incêndios

Arde um barracão no Casal Ventoso
Pouco depois das 15 horas declarou-se incêndio com intensidade no Casal Ventoso, num barracão construído de madeira e coberto de telha.

Compunha-se de 4 compartimentos, sendo 3 habitados, assim como um sótão.

Num dos compartimentos habitados, Maria Grigória e família, noutro Filipa de Jesus, no n.º 3 José Barroso Guimarães, bairro municipal n.º 150, e sua família.

No sótão residiam o proprietário do barracão, Manuel Mendes e José Maria, Manuel Francisco e António Silva.

O fogo teve começo no sótão ignorando-se a causa, supondo-se no entanto que os locatários, operários, quando foram a casa das 12 às 13 horas, para confecção do jantar, deixaram o lume para apagar ou alguma brasa caisse no soalho.

Ajudaram para extinguir o incêndio, populares com vasilhas de água, mas o vento que fazia não deixou evitar que antes da comparsa dos bombeiros, que não se fizeram esperar, já o barracão fosse pasto das chamas.

Compareceram material e pessoal dos quartéis 1, 4, 6, 7 e 10 e Voluntários de Lisboa, que aplicaram na extinção do fogo 2 agulhetas alimentadas por bocas de incêndio prontas.

Os regulamentos para a inscrição, encontram-se patentes na sede da direção, rua do Benfimoso, 117, loja, até às 23 horas de hoje.

Benfimoso Atlético Club

O Benfimoso Atlético Club, para completar as festas do seu aniversário, iniciadas no dia 2 do corrente mês, leva a efeito amanhã uma prova pedestre de 5 quilómetros, inter-clubes, na qual se disputará uma taça denominada «Reinaldo dos Santos» e bem assim seis artísticas medalhas, sendo três em prata.

Os regulamentos para a inscrição, encontram-se patentes na sede da direção, rua do Benfimoso, 117, loja, até às 23 horas de hoje.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Lourenço Marques» são hoje expedidas malas postais para a África e África Oriental e por via Funchal para a África Austral, Cap-Town, Elisabeth e África Oriental, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências ordinárias às 13 horas e para a registada receber-se até às 11.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático «Os Combatentes»

— Promovida pela direção desta colectividade realiza-se amanhã uma festa de homenagem aos sócios honorários com o seguinte programa: sessão solene, às 15 horas; lanche às crianças filhas de sócios; quermesse e baile às 21 horas.

Abrihanta esta festa, que está incluída no número das que a direção promove nos meses de Maio e Junho, a tuna do Clube Recreativo Musical 6 de Setembro de 1930.

Centro Escolar Hespanhol

— Hoje às 20 e meia horas, festa de homenagem a António Vitorino Machado, com um programa variadíssimo.

Grupo Solidariedade Operária

— Convide-se os camaradas que têm bilhetes, e ainda não prestaram contas da festa do camarada Aparício, o favor de o fazerem hoje, das 21 em diante.

Sociedade "Estoril"

Alterações ao horário

No intuito de melhorar o actual serviço de combóios aos domingos das feriados, a Sociedade "Estoril" resolveu estabelecer nesses dias o C.º n.º 203, directo, que parte do Cais do Sodré às 14,05, São João do Estoril 14,38, Estoril, 14,41, Monte Estoril 14,44 e chega a Cascais às 14,46.

Nesses dias não se realiza o C.º n.º 201, directo, que parte do Cais do Sodré às 18,55. Esta alteração entra já em vigor amanhã.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa

AGENDA CALENDARIO DE MAIO

T.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 5,25
Q.	15	20	27	Desaparece às 19,41
S.	14	21	28	IASEDALUA
S.	15	22	29	I. C. dia 2, às 13,49
D.	16	23	30	Q.M. * 5 * 13,45
S.	17	24	31	L.N. * 11 * 22,55
				Q.G. * 19 * 17,48

MARES DE HOJE

Praiamar às 4,58 e às 5,19

Baixamar às 10,28 e às 10,49

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid cheque	283	—
Paris, cheque	61,5	—
Suica	278	—
Bruxelas cheque	61,5	—
New-York	1955	—
Amsterdão	7579	—
Itália, cheque	75	—
Brasil	285	—
Praga	58,5	—
Suécia, cheque	58,24	—
Austria, cheque	2577	—
Berlim	4567	—

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional.—Às 21—*Papilon*, bom rapaz.São Luis.—Às 21,15—*Manzelle Nitouche*.Gimnasio.—Às 21,30—*O Rosário*.

Politeama.—Às 21—Variedades.

Egipto.—Às 21,45—*A Galéria*.

Trindade.—Às 21,15—O Homem das Cinco Horas.

e a Orquestra Sul Americana.

Coliseu dos Recreios.—Às 21—*Luta*.Ribeira.—Às 21,15—*Pão de Ló*.Mário Vitoria.—Às 20,30 e 22,30—*Foot-Ball*.

Salão São...—Às 21—Variedades.

Joaquim de Almeida.—20,30 e 22,30—*Fox-trot*.Cinema I (Vicente (A Graça)—*Espectáculos* às 3,15

, sábados e domingos com matinées.

Livraria Parque—Toldos as noites Concertos a di-

versões.

CINEMAS

Tivoli—Olimpia—Central—Centro—Chiado Ter-

resse—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

—100—Cine Paraiso

PEDRAS "METAL AUER"

PARA ISQUEIROS

VENDEM-SE NO LATTA, DO LARGO

DO CONDE BARÃO, 55

Duzia \$40; 100, 2880; mil, 25800

Pedra grande, duzia, \$80

Policlínica da Rua do Ouro

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de todas as provéncias.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2º

**FATOS
completos e
sobretudos**

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129\$00Calças desde **35\$00**

Grande sortido de fatos e sobre-

tudos, feitos e por medida

batimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

CONSULTAS MÉDICAS

PARA AS CLASSES

POBRES

Todos os dias, às 7 horas da tarde

FARMÁCIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54

(a São Tomé)

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório—Travessa Nova de S. Domingos,

e/á Rua do Amparo)

Residência—Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Lu-

ciano Cordeiro)

Edições de "A Sementeira"

Práticas néo-maltusianas..... \$50

O sentido em que somos anarquistas..... \$30

A peste religiosa..... \$40

A Liberdade..... \$50

A Internacional (música e letra)..... \$20

Pedidos a BATALHA ou no Cais do Sodré, 88

Edições SPARTACUS

Acabam de aparecer:

A Teoria Libertária ou o Anarquismo,

por Campos Lima, 3500.

Outre Vinhedos e Pomares (novela), por

Mário Domingues, 6500.

A venda nas livrarias e na administração de Batalha.

Depósito: Livraria Renascença Portuguesa, rua dos Poiares de S. Bento, n.º 27—Lisboa.

LA NOVELA SOCIAL

LA REDENÇÃO DE PIERROT

E o título do n.º 8 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$30. Pelo correio \$70.

os artistas, a plebe, decidir-se há enfim a aniquilar o opressor e a esmagar a realeza?

Mal o sapador acabava de pronunciar estas palavras, quando o administrador da Rochela, Tiago Henriques, entrou precipitadamente e disse a Luis Rennepon:

—Meu amigo, algumas palavras proferidas por vós, ao chegar, perante várias pessoas que encontrastes, foram repetidas de boca em boca, e toda a cidade está ansiosa por notícias certas!... Será verdade que o sr. de Coligny foi assassinado?

—O sr. de Coligny foi assassinado!—replicou Luis Rennepon. Todos os chefes protestantes foram degolados! Todos os protestantes de Paris foram mortos durante a noite de São Bartolomeu! Em Étampes, Orleans, Blois, Tours, Poitiers, continua o exterminio, que deve ter já ensanguentado todas as cidades de França... Aqui está a verdade...

—A's armas! e que o Senhor nos proteja!—bradou Tiago Henriques com violência energia. Preparemo-nos para uma defesa desesperada... A Rochela é a única cidade fortificada que está em poder dos huguenotes, e por isso Carlos IX não tardará a cercar-nos... O rebate vai tocar... O conselho da cidade, reunido daqui a uma hora, vai proclamar a Rochela em perigo... A's armas, cidadãos! Guerra de morte contra o rei e contra os católicos, contra os assassinos dos nossos irmãos! A's armas!...

Antes de narrar o cerco da Rochela, em que, filhos

de Joel, tomou uma parte gloriosa a nossa família,

homens e mulheres, eu, Antoniç Lebren, que escrevo esta legenda, julgo dever, em poucas palavras,

relatar-vos as consequências da terrível noite de São Bartolomeu, consequências tão contrárias à sinistra

esperança de Carlos IX e da mãe.

Ambos, como tinha afirmado a italiana ao jesuíta

Lefevre, julgavam acabar de vez com os huguenotes

por meio desta matança imensa, oferecida ao papa de Roma e ao rei das Espanhas Filipe II. Na noite da

15.5.1926

MISTERIOS DO POVO

15.5.1926

A BATALHA

SOB O IMPERIO DE NORTON

A Companhia Geral de Construções de Angola, ao abrigo de uma iníqua concessão do governo, martiriza os negros que lhe caem na algada

Vamos ver como a Companhia Geral de Construções multiplica os seus capitais à custa da miséria e da vida do trabalhador indígena.

Que não realizaria o contrato se ele lhe não oferecesse a ambicionada vantagem da multiplicação das cotas dos associados, des-necessário se torna dizer-lhe. O que interessa é esclarecer a forma escandalosa como aquela sociedade auferiu fabulosos lucros, de acordo com os representantes do Estado, primeiros proprietários das populações que dominam, reduzindo-a à miséria, perversamente-as, degenerando-as e matando-as abrupto ou lentamente, por diversíssimos processos e com múltiplas armas.

Duzentos, quatrocentos, mil, etc., trabalhadores que a Companhia tem no seu serviço, recrutados segundo o contrato — são pretos. Cem, duzentos, quatrocentos, etc., que também explora, recrutados extra contrato, admitindo-os no seu serviço como qualquer patrón admite um criado — são pretos. São todos pretos que trabalham para o mesmo dono, todos negros, todos escravos-locupletadores dos seus verdugos, senhores daquelas legiões de sudras, burros de carga, bichos que nem sensibilidade física têm...

Dos explorados segundo o acordo Governo-Sociedade, um é "Gebo 1.º" ou "2.º", podendo também chamar-se Banda, Zua, Futa, etc.; mas torturados, angariados directamente pela Companhia, vamos encontrar nomes idênticos. O distinto deles é um farrapo de sarapilheira envolvendo as regiões férreas-iliácas, ou um pouco de riscado-zebra em forma de casaco e calça.

Absolutamente impossibilitados de trabalhar, os que não morrem pelos cantos ou pelo caminho, hospitalizam-se, acompanhados, dum guia, definitiva ou provisória. Muitas vezes a guia ou qualquer patrón que os acompanha, nem os nomes descreve.

"Vão dar baixa ao hospital — — — trabalhadores indígenas... — — — e lá ficam hospitalizados sem que seja possível saber-se se todos ou parte deles e quais são os que são objecto da Companhia em ou fora da conformidade do contrato. A Sociedade é que diz, distinguindo com o carimbo que põe nas guias, quais os que têm direito a hospitalização gratuita.

Estamos a compreender que o carimbo é colocado segundo os interesses da contratante, que tem margem suficiente para proceder conforme os seus gananciosos desejos.

Os serviços utilizados pela Companhia em harmonia com o contrato de compradores

Uma reclamação dos moços de fretes de Coimbra

COIMBRA, 13. — Os jornais locais inseriram, há dias, a seguinte notícia:

"A Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra reclamou perante o sr. governador civil no sentido de se acabar com a exploração exercida da parte dos moços de fretes pedindo aos viajantes somas fabulosas pelo mais insignificante serviço que lhes prestam".

A propósito desta notícia fomos procurados por uma comissão de moços de fretes, pedindo-nos para que nas colunas de *A Batalha* esclarecemos o que há de injusto naquela reclamação, o que gostosamente fazemos, por se tratar duma classe de trabalhadores que alugam os seus braços para serviços bem árduos, muitas das vezes em troca duma paga mesquinha.

Dizem-nos aqueles camaradas que os moços de fretes, no geral, não desempenham serviços aos viajantes; quem costuma fazer esses serviços são carregadores do número ao serviço da Companhia de Caminhos de Ferro; se de facto existir exploração para com os viajantes, essa é exercida pelos corretores e porteiros dos hotéis, pois são estes que tomam conta das malas dos viajantes e as entregam depois aos moços de fretes para as conduzirem ao seu destino; o pagamento desse trabalho é sempre de antemão combinado; portanto, a haver exorbitância nos preços, dela não têm responsabilidade os moços de fretes; os corretores e porteiros é que pedem o que entendem aos passageiros.

Fica, assim, esclarecido este assunto, para conhecimento do público, pois não é justo que uma classe sofra o ódioso dum acto que não é por ela praticado. — C.

SOLIDARIEDADE

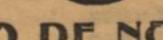
Pró-António Rodrigues Duran

No Grupo Excursionista 8 de Setembro realizá-se hoje, com inicio às 20,30 horas, uma grandiosa festa de fado em homenagem a António Rodrigues Duran, com o seguinte programa: 1.ª parte: palestra sobre o Fado, por Manuel Soares; variações pelo guitarrista Salvador Freire e seu viola Georgina de Sousa. 2.ª parte: canção nacional por Joaquim Campos, Raúl Brinquel, Raúl Ceia, Júlio Proença, Estanislau Cardoso, Alfredo dos Santos e José Leitão. 3.ª parte: variações pelo guitarrista Raúl Gil e seu viola Armando Machado; canção nacional por Vitorino Codinio, José Júlio, Artur Ataíde, Fausto Ferreira, Manuel Portugal, António Lado, Joaquim Viegas e Joaquim Cruz. 4.ª parte: variações pelo guitarrista António Gomes e seu viola J. da Mata; canção nacional por Amadeu Valente, Alfredo Duarte, Júlio Duarte, Armando Tavares, Albino Alves, Júlio Martins, Ventura Barros e Carlos Ribeiro; fado jocoso por Artur Rodrigues (Intendente), Armando Barata e José Ribeiro.

Dirige esta festa o conhecido poeta Manuel Soares.

Centra o regime de passaportes

GENEBRA, 14. — Pela conferência internacional de passaportes foi unanimemente reprovada a criação dum passaporte especial para os emigrantes. — L.



Os militantes operários devem activar a sua propaganda no sentido de engrandecer a Organização.



As tristes patifarias dum Tristão e a subserviência duns tristõesinhos

Nos caminhos de ferro do Minho e Douro tripudia, entre outros da mesma fôrça, o engenheiro Tristão de Almeida. Tem sob os seus domínios reactionários a posse das oficinas daquelas caminhos de ferro, que se supõe pertencem ao Estado, mas que, na realidade, são presa de meia dúzia de desvoristas...

A fama de tal Tristão de Almeida é de grande nomeada, não só entre o pessoal das oficinas, mas também entre todo o pessoal ferroviário. Toda a gente sabe que em metendo é o nariz em determinada coisa, não há ninguém que o vença: provas, razões, justiça, intervenção de outro poder mais alto — tudo é completamente vergado, torcido, como uns varões de ferro no vulcão de um incêndio. O sr. Tristão conseguiu sempre um processo de aniquilar aquele com quem embicou...

Ora vamos por partes.

O nosso camarada Saúl de Sousa, quando ainda estava na sacrossanta missão de bem servir, como militar, está pária de carrascos e de ladrões, entendeu meter os papéis da praxe para a devida repartição dos caminhos de ferro aludiados, a fim de um dia lá poder ir, não vadás como qualquer engenheiro "barato" à Tristão, mas trabalhar pela sua honrada profissão.

O tempo foi correndo. O nosso camarada, depois de sair da tropa, é mobilizado por conveniências do sr. Estado militarista, que sempre o achou, e achará ainda quando devo precisar, de perfeita saúde e muito desempenho.

Uma vez saído do bafio da caserna, e em face da tremenda crise que principiou a gravar na indústria metalúrgica — como, aliás, em todos os trabalhos como prova de boa administração capitalista e estatal — o nosso camarada, sabendo que se ia dar um concurso de artífices para as oficinas do Minho e Douro, lembrou-se dos seus papéis todos apresentados em ordem — e quis concorrer.

Mas o engenheiro Tristão, que está sempre a argumentar patifarias, engenhou logo uma engenhoca pela qual a papelada requerente de Saúl de Sousa havia sido torpedeada: Saúl de Sousa ficaria assim impossibilitado de concorrer.

Saúl de Sousa insiste junto até do próprio director do Minho e Douro. E como este afirma que a vítima, custasse o que custasse, tinha de concorrer, o Tristão, ficando sem alma até Almeida, desengenhou o que tinha preparado — os célebres papéis sempre deram sinais de vida, sempre apareceram...

No concurso, as provas de Saúl de Sousa foram tão claras, perfeitas e prontas, que o engenheiro das oficinas, o Tristão, não teve outro remédio senão render-se à evidência: ficou, por direito de rapidez e de perfeição, classificado em 2.º lugar.

Mas o veneno ainda não tinha terminado: Tristão, senhor da face e do queijo da injustiça, passando um dia, classifica o nosso camarada em 3.º lugar, depois em 4.º, depois em 5.º... e se não passou daqui, é porque alguém disse que já era demais semelhante injustiça...

No entanto, foram, passado algum tempo, chamados cinco dos concorrentes para as oficinas e Saúl de Sousa ficou trancado... na tranqueira do estimado engenheiro... E o engenheiro, para descalcar a sua tremenda bota, lembrou-se então de submeter Saúl de Sousa a uma junta médica composta dos sapientíssimos doutores Ramos Pereira, Barbosa de Araújo e Lemos Peixoto. E tão sapientíssimos eles são, que à círcica de uma espina lhe chamaram variz... para reprevar — segundo o plano combinado com o Tristão atrás da porta — o nosso camarada.

A estúpida inspecção, porém, não pegou, porque S. Sousa, indo a um distinto clínico particular — semão estamos em erro, o dr. Santos Silva — demonstrou com um atestado autêntico que não tinha variz alguma, mas sim uma cicatriz de espinha sem importância...

Em face dos engulhos, nova inspecção, tendo momentos antes o Tristão de Almeida, com um jornal na mão, chateado Saúl de Sousa, por ele de véspera ter falado num comício anti-reacionário... E como era indispensável, para o bom sucesso dos engenheiros fascistas do Minho e Douro, inutilizar o bolchevista, a doutíssima junta descobriu, não a cura de qualquer enfermidade até hoje incurável — a maluquice do engenheiro, por exemplo, mas que Saúl de Sousa tem o coração-pasmal, o gentes! — pendido para o estômago, mesmo até, se possível for, metido no estômago — já que eles o não podem meter na boca e trincá-lo bem trincadinho...

Todavia, levaram tempo a despachar a decisão, tal a certeza os sábios da junta têm da sua marujice. Até que um dia, visto que era necessário engraxar o Tristão, o dr. Lemos Peixoto, todo zé niguém, todo pivete, se arrouou em valente e assinou a sentença, segundo a qual Saúl de Sousa foi reprovado, isto é, em como tem o coração no estômago, como quem diz que o tem perto da boca por se revoltar contra a polícia nacional e particular...

Bem disse o engenheiro Carlos Leal a S. de Sousa: «Homem! Você faga de conta que nunca pensou em vir para os caminhos de ferro. O Tristão, em embrigar, não há nada que lhe resista...» E ele lá sabe o que é o Tristão...

C. V. S.

Foram atendidos os "chauffeurs" de Algés

SINTRO, 13. — Ainda não se apagou da memória dos habitantes desta linda vila aquela cena de barbarismo da G. N. R. de que foi vítima, na posta da "árvore", o pobre Francisco dos Santos que ainda expia na prisão um crime que não cometeu.

Um dos guardas agressores, o 147, Manuel da Rosa, passeia livremente pelas ruas da vila como não lhe pesasse na consciência o repugnante crime a que na devida altura fizemos menção.

Consta que o Francisco dos Santos vai responder em breve, havendo grande ansiedade pelo julgamento e pela vindura. Sintro, nessa altura de um representante da Sociedade Estoril.

De Setúbal. — Recebemos ofício,

HOJE

é posto à venda mais um número da revista gráfica de novos horizontes sociais

RENOVAÇÃO

que entre outra matéria cheia de palpitante interesse contém o seguinte:

A morte dos apóstolos, por Ferreira de Castro.

O Apóstolo e o Guerreiro, soneto de Bento Faria.

O direito à vida e a falta de sanidade nos bairros pobres (com gravuras).

A criança como motivo artístico (com gravuras).

O alecrim, a hera e o rosmaninho, por Ladislau Batalha.

O cinema moderno e o seu papel artístico e educador, por F. de C. (com gravuras).

Filhos de ricos, por Nogueira de Brito (com gravuras).

Um grande pintor dos oprimidos, por Eduardo Frias (com desenhos de Steinlen).

O mundo curioso.

Actualidades gráficas: O Congresso das Juventudes Sindicalistas; O Sindicato dos Empregados de Comércio e Indústria; De Lisboa aos Açores pelo ar; O pessoal dos tabacos; As manifestações do 1.º de Maio no Porto; O «Socorro Vermelho»; A Casa do Povo de Moreira da Maia.

29 gravuras no texto

PREÇO 1\$50

CONFERÊNCIAS

A organização e a função das Escolas Livres

COIMBRA, 14. — Na Universidade Livre realizou ontem o sr. dr. Bazílio Augusto Pereira uma interessante conferência sob o tema «A organização e a função das Escolas Livres». O conferente descreve detalhadamente qual a ideia que presidiu aos fundadores da Escola Livre de Oliveira de Azemeis, de que él é um dos orientadores.

A Escola Livre pretende dar ao homem rude do campo uma educação moral e artística fora de quaisquer pressões políticas ou religiosas. A Escola Livre organiza secções de Artes e Desenho, Agricultura, Educação Física, Música e Canto, Arte de Representar, etc. Estas secções vão sendo criadas dentro das possibilidades daquele organismo.

Esta dentro do programa da Escola Livre combater o uso do tabaco e de bebidas alcoólicas, assim como combate qualquer jogo de cartas e todos os de azar, por imorais.

O conferente leu o programa geral da Escola Livre, fazendo largas considerações sobre os benefícios efeitos produzidos pela extensão da sua obra educativa, declarando que a mesma Escola já conta cinco sucursais em localidades vizinhas à vila de Azemeis.

O sr. dr. Bazílio Augusto Pereira terminou por pedir à assistência para fazer propaganda em prol daquela obra, pelo que ela representa de útil, de moral e de humanitário. No final foi entusiasticamente aplaudido.

— A Escola Livre de Azemeis organiza uma excursão de estudo a esta cidade no dia 11 de junho, sendo de esperar que os excursistas sejam bem recebidos por todos quantos se interessam pelos problemas de instrução. — C.

— As mulheres no teatro grego"

Hoje, pelas 17,30, subordinada ao tema "As mulheres no teatro grego", mas uma da série que a Sociedade dos Escritores Portugueses e União Intelectual organizaram para este ano, realiza o dr. Júlio Dantas a sua anuidada conferência no São Carlos.

MOVIMENTO JUVENIL

Reorganizou-se o Núcleo das Juventudes Sindicalistas de Coimbra

COIMBRA, 13. — Conforme já foi noticiado reorganizou-se nesta cidade o Núcleo das Juventudes Sindicalistas, devido aos esforços de alguns rapazes, cheios de ideal e que ansiavam pelo aperfeiçoamento moral da mocidade operária.

A comissão reorganizadora é composta pelos camaradas Tomás da Silva, António Pedroso das Neves, João Veiga, Lício Maria de Conceição e João Pedro dos Santos.

Estes camaradas pensam em editar brevemente um manifesto dirigido à juventude operária coimbricense, despertando-a para a luta de que se tem conservado sempre afastada.

E digna de todos os elogios esta simpática iniciativa, num momento em que se nota um afastamento quase total de antigos militantes, do que tem resultado a estagnação da organização sindical desta cidade.

Que os trabalhos dos simpáticos rapazes sejam coroados do melhor êxito, são os nossos desejos, para o que podemos contar com o nosso incondicional apoio, bem como o modesto auxílio que lhes podemos prestar. — C.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—